

Análise Conjuntural

ISSN 0102-0374

IPARDES
Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

Curitiba, v.37, n.5-6, maio/junho 2015

sumário

- 1 O AJUSTE MACROECONÔMICO E AS ASSIMETRIAS SOCIAIS
Julio Takeshi Suzuki Júnior
- 3 O CRESCIMENTO INDUSTRIAL PARANAENSE ENTRE 2011 E 2013
Francisco José Gouveia de Castro
- 6 PRODUÇÃO INDUSTRIAL PARANAENSE E ESTÍMULO INTERNACIONAL
Guilherme Amorim
- 9 A RETRAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL
Ana Sílvia Martins Franco
- 12 PARANÁ - DESTAQUES ECONÔMICOS
Guilherme Amorim
- 15 ECONOMIA PARANAENSE - INDICADORES SELECIONADOS

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

CARLOS ALBERTO RICHA - Governador

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

SILVIO MAGALHÃES BARROS - Secretário

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

JULIO TAKESHI SUZUKI JÚNIOR

Diretor-Presidente

EMILIO KENJI SHIBATA

Diretor Administrativo-Financeiro

DANIEL NOJIMA

Diretor do Centro de Pesquisa

FRANCISCO JOSÉ GOUVEIA DE CASTRO

Diretor do Centro Estadual de Estatística

ANÁLISE CONJUNTURAL

GUILHERME AMORIM (*Editor*)

Equipe

ANA SILVIA MARTINS FRANCO (*Economista*)

MARINA MARUYAMA MORI (*Economista*)

EDITORAÇÃO

MARIA LAURA ZOCLOTTI (*supervisão editorial*)

CLÁUDIA ORTIZ (*revisão de texto*)

ANA RITA BARZICK NOGUEIRA (*editoração eletrônica*)

NATÁLIA VICENTE MONTANHA TEIXEIRA (*normalização bibliográfica*)

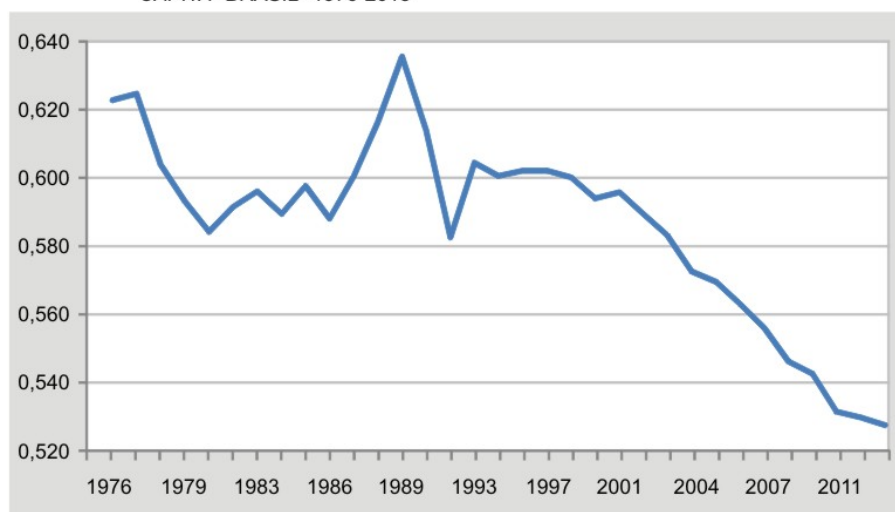
STELLA MARIS GAZZIERO (*projeto gráfico*)

O AJUSTE MACROECONÔMICO E AS ASSIMETRIAS SOCIAIS

Julio Takeshi Suzuki Júnior*

É incontestável que o País auferiu ganhos sociais relevantes nas últimas décadas. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o coeficiente de Gini da distribuição do rendimento domiciliar *per capita*, que varia de 0 (absoluta igualdade) a 1 (máxima concentração), vem apresentando consistente trajetória de declínio desde a segunda metade da década de 1990 (gráfico 1), refletindo, em uma primeira fase, a redução do imposto inflacionário, e, em um período subsequente de queda mais acentuada, o aumento das transferências sociais e, principalmente, a expansão do mercado de trabalho.

GRÁFICO 1 - COEFICIENTE DE GINI DA DISTRIBUIÇÃO DO RENDIMENTO DOMICILIAR *PER CAPITA* - BRASIL - 1976-2013



FONTE: IPEA

Em 1989, o valor médio referente à renda domiciliar *per capita* dos 10% mais abastados da população brasileira superou em 30 vezes a cifra média registrada pelos 40% mais pobres, no pior resultado de uma extensa série histórica iniciada em 1976. Dez anos depois desse extremo da assimetria, o rendimento médio do estrato socialmente mais vulnerável exigiria multiplicação por 22,95 para se igualar ao valor atinente aos 10% mais ricos, caindo para 15,28 no último resultado disponível, relativo ao exercício de 2013. Posto de outra forma, a renda média dos 40% mais pobres cresceu quase duas vezes mais que a do decil superior da pirâmide de rendimentos no período 1989-2013, em movimento oposto ao de muitos países.

Com esse histórico de melhoria, o País defronta-se hoje com severas medidas de austeridade, que incluem um pretendido aperto fiscal de 1,8% do PIB, passando de um déficit primário equivalente a 0,6% do produto em 2014 para um superávit de 1,2% em 2015, e um arrocho monetário voltado a atingir o centro da meta de inflação em 2016, muito abaixo da previsão de 9% para o IPCA no fechamento do presente exercício, o que torna factível a interrupção do longo processo de redução dos desníveis de renda, dada a necessidade de correção macroeconômica imposta pelas ingerências do passado muito recente.

Mais precisamente, em virtude da anulação do principal vetor da diminuição das desigualdades, representado pela expansão do emprego, é concreto o risco de retrocesso social. Tanto que, de acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, houve queda de -0,7% do número de ocupados em maio de 2015, em comparação ao mesmo mês de 2014, com declínio relevante (-2,5%) daqueles com até 10 anos de estudo. Em relação aos trabalhadores mais escolarizados, a partir de 11 anos de estudo, foi registrado pequeno

* Diretor-Presidente do IPARDES.

incremento de 0,3%, confirmando que o ajuste, em repetição a processos pretéritos semelhantes, vem penalizando principalmente os estratos da base da estrutura social, justamente aqueles que mais avançaram nas últimas décadas.

Como resultado dessa contração do mercado de trabalho, o rendimento médio real dos ocupados na atividade laboral principal caiu -5% em maio do presente exercício, no confronto com idêntico período do ano anterior, correspondendo à maior queda desde fevereiro de 2004, nessa base de comparação.

Tais números, somados ao fato de que, nas faixas inferiores de renda, a remuneração do trabalho representa mais de 60% do total do rendimento familiar monetário, suplantando em mais de duas vezes as transferências sociais e previdenciárias (já muito próximas dos limites das possibilidades fiscais), tornam preocupante a perspectiva para as classes menos favorecidas durante o ajustamento macroeconômico, que deverá perdurar até 2016, podendo ocorrer inflexão dos indicadores relativos às desigualdades sociais nesse intervalo.

Em uma observação empírica, constata-se que nos períodos recessivos geralmente são registrados resultados muito desfavoráveis à população carente, como em 1988, quando a queda de -0,1% do PIB influenciou o expressivo aumento de 23,9% do número de brasileiros considerados extremamente pobres, segundo critério do IPEA que tem como delimitador o valor de uma cesta de alimentos com as necessidades calóricas mínimas. Dois anos mais tarde, como reflexo da contração econômica promovida pelo Plano Collor, o contingente de extremamente pobres subiu 5,9%.

Isso posto, não há dúvida que o avanço social contínuo está condicionado a um processo sustentado de crescimento, que, por sua vez, não será viabilizado por políticas econômicas comprometidas com ganhos imediatos e de curta duração, comumente norteadas pelo populismo ou pela crença na solução fácil. Entre as características dessas recorrentes estratégias equivocadas, além da aposta no simples aproveitamento da ociosidade existente nos fatores de produção, sem maiores contrapartidas estruturais, destaca-se a grande participação das despesas de consumo final na demanda agregada, em detrimento do investimento e do comércio exterior, o que inevitavelmente redundará em assimetria entre absorção e oferta, com repercussões sobre o balanço de pagamentos e a inflação, entre outros.

No entanto, a consolidação de um arranjo para o crescimento consistente, mais voltado à poupança, ao capital fixo e à inserção internacional, por exemplo, não requer somente preços macroeconômicos propícios, mas também avanços qualitativos, e não meramente quantitativos, em áreas estratégicas e prioritárias, como a educação. Com o progresso em termos de capital humano, em adição à natural redução das desigualdades com o aumento das remunerações dos menos numerosos trabalhadores de baixa instrução, serão instauradas melhores condições para a elevação da produtividade, indispensável para a sustentação de processos de expansão econômica.

Enfim, a partir de agora, o crescimento brasileiro dependerá dos estímulos e da remoção de alguns entraves à oferta competitiva, em razão da exaustão da estratégia que privilegia demasiadamente o lado da demanda, sempre tendo como objetivo final a melhoria social.

O CRESCIMENTO INDUSTRIAL PARANAENSE ENTRE 2011 E 2013

Francisco José Gouveia de Castro*

Os resultados da Pesquisa Industrial Anual, divulgados em 26 de junho, permitem analisar a evolução das atividades fabris no território nacional e, especialmente, do Estado do Paraná, ao longo de três anos, iniciados em 2011 e findos em 2013. Neste exercício, o Estado de São Paulo reduziu sua participação no Valor da Transformação Industrial (VTI) nacional de 36,2%, em 2010, para 34,3%, em 2013, demonstrando a trajetória de desconcentração da produção industrial brasileira.

O segundo estado na geração de renda do setor secundário foi Minas Gerais, com 11,7%, seguido do Rio de Janeiro, com 10,5% do total nacional, no período avaliado. No caso específico do Paraná, o VTI atingiu R\$ 78 bilhões, correspondendo a um aumento real de 16,4% em comparação com o resultado de 2010, ante crescimento de 9,4% da indústria brasileira, ficando o Estado na quarta colocação, ultrapassando o Rio Grande do Sul, com participação de 7,3% e 7,2%, respectivamente (tabela 1).

TABELA 1 - PARTICIPAÇÃO NO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL DO BRASIL - 2010-2013

BRASIL E UFs	PARTICIPAÇÃO (%)			
	2010	2011	2012	2013
São Paulo	36,2	35,5	35,0	34,3
Minas Gerais	11,8	12,0	11,3	11,7
Rio de Janeiro	10,4	10,7	11,2	10,5
Paraná	6,9	7,1	6,9	7,3
Rio Grande do Sul	6,8	6,7	7,0	7,2
Santa Catarina	4,7	4,7	4,8	5,1
Bahia	4,2	4,0	4,0	3,9
Amazonas	3,6	3,2	3,1	3,2
Pará	2,9	3,2	2,7	2,8
Espírito Santo	2,5	2,7	2,8	2,7
Goiás	2,2	2,2	2,5	2,5
Pernambuco	1,5	1,5	1,8	1,7
Outras UFs	6,3	6,6	6,9	7,1
Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual - Empresa

O vigente arranjo macroeconômico vem impondo o baixo dinamismo das principais atividades produtivas alocadas no território nacional. É importante levar em consideração que o desempenho das atividades produtivas em operação no País depende das condições econômicas globais, mas, no cenário atual, os efeitos reais podem ser atribuídos em grande medida aos formuladores de políticas econômicas da gestão federal de 2011 a 2014.

O regime de política econômica que vigorou nesse período, reconhecido como nova matriz econômica (crédito oficial subsidiado, incentivos tributários para setores selecionados e excessivo intervencionismo no mercado), demonstrou ser pouco eficiente para corrigir os desequilíbrios macroeconômicos internos. A opção pelo abandono do tripé macroeconômico, base de sustentação do Plano Real (superávits fiscais primários, metas de inflação e câmbio flutuante) revelou-se desastroso para o equilíbrio das variáveis macroeconômicas e as condições de crescimento da economia nacional.

Mesmo com o processo de desindustrialização em andamento no País, em meados de 2011, por iniciativa do executivo estadual, entrou em vigor o Programa Paraná Competitivo, com o objetivo de atrair empreendimentos privados e incentivar a expansão das atividades produtivas no Estado. Tal empreendimento, fruto da articulação entre as forças políticas e sociais atuantes no Paraná, visou à intensificação da diversificação da matriz produtiva local, conectada com as complexas cadeias globais e nacionais e acentuado grau de interiorização.

* Economista, diretor do Centro Estadual de Estatística do IPARDES.

De fato, no período de vigência do programa, já é possível observar a natureza interiorana dos empreendimentos infraestruturais e agroindustriais, com a indispensável colaboração das cooperativas, que possuem o domínio da oferta de matérias-primas e enorme capacidade de industrialização, gestão, produção e mecanismos de capitalização.

Os resultados do IBGE corroboram a afirmação acima, já que os segmentos que mais contribuíram para o proeminente desempenho do setor secundário paranaense foram exatamente os relacionados à agroindústria, cujo peso na estrutura industrial paranaense atingiu 21,5% em 2013, com aumento de 1,4 ponto percentual em relação ao exercício de 2010 e um incremento real de 24,4% na geração de valor (tabela 2).

O segundo colocado no *ranking* de importância na estrutura fabril paranaense foi a fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (20,9% do VTI), que registrou incremento de 4 pontos percentuais no período 2010-2013, confirmando os resultados dos vultuosos investimentos anunciados pelo setor, que está inserido na cadeia produtiva global e que expande suas atividades para além da Região Metropolitana de Curitiba.

Por outro lado, a atividade voltada à produção de coque, derivados de petróleo e biocombustíveis, retraiu 3 pontos percentuais no período, o que pode ser atribuído à redução de 31,7% no *quantum* produzido de etanol, segundo dados da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (ÚNICA), entre 2010 e 2013. Em relação à produção de derivados de petróleo, a refinaria Presidente Getúlio Vargas, localizada em Araucária, Região Metropolitana de Curitiba, registrou um salto de 10 milhões de m³ para 12,1 milhões, entre 2010 e 2013, segundo dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP), o que amenizou a retração do setor no Paraná.

Cabe registrar o crescimento do ramo de vestuário e confecção, cuja importância é observada na geração de empregos formais, em especial na mesorregião Norte Central e Noroeste do Estado, registrando um incremento real de 48,8% entre 2010 e 2013, e da fabricação de produtos de madeira, que obteve crescimento real de 24,3%.

TABELA 2 - VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO ATIVIDADES ECONÔMICAS - PARANÁ - 2010/2013

ATIVIDADE ECONÔMICA	2010		2013	
	VTI (R\$ mil)	Part. (%)	VTI (R\$ mil)	Part. (%)
Indústria extrativa	269.737	0,48	470.467	0,60
Extração de minerais não metálicos	250.234	0,44	446.721	0,57
Indústrias de transformação	56.176.024	99,52	77.549.147	99,40
Alimentos	11.360.509	20,13	16.778.856	21,51
Bebidas	1.177.211	2,09	850.494	1,09
Produtos do fumo	428.299	0,76	24.278	0,03
Produtos têxteis	674.333	1,19	893.085	1,14
Vestuário e acessórios	1.139.427	2,02	2.013.519	2,58
Couros, artigos para viagem e calçados	346.435	0,61	514.583	0,66
Produtos de madeira	1.793.335	3,18	2.647.345	3,39
Celulose, papel e produtos de papel	2.477.370	4,39	3.372.569	4,32
Impressão e reprodução de gravações	486.156	0,86	574.175	0,74
Coque, de produtos do petróleo e de biocombustíveis	9.082.304	16,09	10.184.637	13,05
Produtos químicos	2.634.267	4,67	3.299.272	4,23
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	382.907	0,68	556.726	0,71
Produtos de borracha e de material plástico	1.326.668	2,35	2.151.469	2,76
Produtos de minerais não metálicos	1.778.578	3,15	2.388.163	3,06
Metalurgia	1.167.727	2,07	1.039.235	1,33
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	1.673.623	2,97	2.468.293	3,16
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	1.396.477	2,47	1.202.434	1,54
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1.580.405	2,80	2.014.916	2,58
Máquinas e equipamentos	3.117.244	5,52	3.885.014	4,98
Veículos automotores, reboques e carrocerias	9.507.400	16,84	16.279.341	20,87
Equipamentos de transporte	30.279	0,05	108.179	0,14
Móveis	1.396.836	2,47	2.180.315	2,79
Produtos diversos	618.691	1,10	907.761	1,16
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	599.543	1,06	1.214.488	1,56
TOTAL	56.445.761	100,00	78.019.614	100,00

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual - Empresa

O ambiente virtuoso pode ser melhor compreendido a partir da observação do mercado de trabalho. De acordo com a pesquisa do IBGE, o contingente de trabalhadores na indústria local cresceu 10,8% em três anos, terminados em 2013 (tabela 3). Cabe destacar que as características do aumento das vagas criadas no Paraná evidenciam o crescimento das atividades que, em grande maioria, possuem seu parque fabril no interior do Estado.

Tanto é assim que os ramos de atividade relacionados à agroindústria representaram 41% do emprego industrial local, com destaque para os de fabricação de alimentos (26%), produtos de madeira (5,8%), fabricação de móveis (6%) e celulose e papel (3,1%). Outras atividades tipicamente interioranas contribuíram para o bom desempenho do emprego industrial, como confecção e vestuário (10,5%) e produtos têxteis (2,2%), com maior concentração nas regiões Noroeste e Norte Central paranaense.

TABELA 3 - PESSOAL OCUPADO NA INDÚSTRIA, SEGUNDO ATIVIDADE ECONÔMICA - PARANÁ - 2010/2013

DIVISÃO CNAE 2.0	NÚMERO DE OCUPADOS		VARIACÃO
	2010	2013	
Indústrias extrativas	5.214	6.358	21,9
Alimentos	156.169	185.321	18,7
Bebidas	6.493	7.916	21,9
Produtos do fumo	896	920	2,7
Produtos têxteis	16.558	15.263	-7,8
Confecção e vestuário	69.306	74.840	8,0
Artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	9.655	8.262	-14,4
Produtos de madeira	40.077	41.408	3,3
Celulose, papel e produtos de papel	20.936	22.008	5,1
Impressão e reprodução de gravações	8.995	10.404	15,7
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	17.664	11.963	-32,3
Produtos químicos	18.649	20.691	10,9
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	4.369	5.896	35,0
Borracha e de material plástico	24.581	30.041	22,2
Minerais não metálicos	28.066	33.806	20,5
Metalurgia	6.819	6.950	1,9
Produtos de metal	36.791	40.446	9,9
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	15.231	11.614	-23,7
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	21.216	21.894	3,2
Máquinas e equipamentos	30.307	38.986	28,6
Veículos automotores, reboques e carrocerias	43.694	47.393	8,5
Equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	1.423	2.419	70,0
Fabricação de móveis	37.443	42.248	12,8
Fabricação de produtos diversos	9.759	12.241	25,4
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	10.498	11.034	5,1
TOTAL	640.810	710.322	10,8

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual - Empresa

Além disso, é importante considerar que o avanço de algumas atividades caracterizadas pela alta razão entre VTI e pessoal ocupado, como o setor químico, automotivo e metalurgia, tem extrapolado os limites territoriais da Região Metropolitana de Curitiba, demonstrando um nítido processo de desconcentração regional. Não menos importante, as atividades fabris que se destacam pela forte absorção de mão de obra têm registrado aumento de produtividade no período recente.

Em suma, a despeito dos tempos de instabilidade que o País vem atravessando, as atividades manufatureiras estabelecidas no Estado do Paraná registraram consideráveis resultados entre 2011 e 2013, traduzidos nos dados divulgados pelo IBGE.

Tal fenômeno pode ser imputado ao recente marco institucional paranaense, com a melhoria do ambiente de negócios e a atuação de grandes empreendimentos empresariais no Estado, colaborando para a premente necessidade de desconcentração territorial e diversificação da matriz regional de produção.

Portanto, para dar continuidade ao desenvolvimento do parque manufatureiro regional, torna-se imprescindível a formulação de ações visando ao crescimento da produtividade do trabalho (efetividade na transformação dos investimentos em capacidade de produção, melhoria do capital humano e eficiência na produção por meio da tecnologia).

PRODUÇÃO INDUSTRIAL PARANAENSE E ESTÍMULO INTERNACIONAL

Guilherme Amorim*

A mais recente Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF), do IBGE, referente ao mês de abril, corroborou a trajetória declinante da indústria, seja sob a perspectiva nacional ou estadual. A indústria brasileira apresenta variações negativas há quatorze meses consecutivos, enquanto a paranaense registra declínios sucessivos desde janeiro do ano corrente. A taxa anualizada de doze meses, no âmbito nacional (-4,8%), apresentou o maior declínio desde dezembro de 2009. A indústria paranaense, por sua vez, retrocedeu 7,6% nos doze meses terminados em abril, influenciada por contração de 29,5% na fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias neste período.

O exame dos resultados do mês de abril e do primeiro quadrimestre, na esfera estadual (tabela 1), aponta para o bom desempenho da indústria alimentícia, da fabricação de produtos de madeira, de máquinas e equipamentos e de outros produtos químicos (fertilizantes, essencialmente).

TABELA 1 - PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO PARANAENSE, POR ATIVIDADE - ABRIL/2015

ATIVIDADE	VARIAÇÃO EM RELAÇÃO A ABRIL DE 2014 (%)	VARIAÇÃO ACUMULADA NO ANO, EM RELAÇÃO AO MESMO PERÍODO DE 2014 (%)
Produtos alimentícios	3,2	-2,8
Bebidas	-7,2	6,3
Produtos de madeira	15,1	0,5
Celulose, papel e produtos de papel	6,5	6,9
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-1,4	-8,1
Outros produtos químicos	5,4	4,2
Produtos de borracha e material plástico	-12,7	-9,2
Produtos de minerais não metálicos	-14,0	-17,7
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-0,2	-5,3
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-8,9	4,8
Máquinas e equipamentos	26,2	3,0
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-25,0	-34,6
Móveis	-3,9	-5,1

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física

O cruzamento dessas informações com as últimas estatísticas disponíveis das exportações do Estado, providas pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), expõe a relevância da demanda internacional para o nível de atividade local. Embora a PIM-PF diga respeito a eventos registrados até abril e os números da SECEX compreendam transações até o mês de maio, este breve exame procura meramente traçar correlação entre a existência de significativa demanda internacional e setores industriais do Paraná que mantêm dinamismo em período de contração do índice geral. Para além disso, tampouco pode-se negligenciar a defasagem entre produção e embarque – variável entre as categorias de produtos – e a existência de estoques.

Dessa forma, tem-se que os embarques de pedaços e miudezas congelados de frango, produtos citados em nota do IBGE, responderam por 9,40% do valor exportado pelo Paraná

* Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

entre janeiro e maio do ano corrente. Na comparação com o mesmo período de 2014, a quantidade embarcada foi 25,77% maior e houve incremento de 14,56% no montante aferido. A demanda chinesa, incluída a ingressada por Hong Kong, representou 28,59% das vendas. Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Coreia do Sul completaram o rol de principais destinos dessa mercadoria. O mercado sul-coreano mostrou-se particularmente promissor, com incremento de 448,11% no valor exportado, considerando-se o mesmo período de referência.

Os derivados de cana-de-açúcar, cristal e VHP (*very high polarization*, matéria-prima para outros açúcares), foram responsáveis por 3,80% das vendas estaduais ao exterior, com crescimento de 6,16% no valor e 19,27% no volume comercializado, em relação aos cinco primeiros meses do ano passado. Argélia e Malásia foram, decisivamente, os principais compradores, com 35,87% e 24,37% de participação no montante exportado pelo Paraná.

A indústria madeireira do Estado gera vasta linha de produtos, sendo que a maior parte do volume processado resulta em placas compensadas ou naquelas densificadas, mais conhecidas por MDF (*medium-density fibreboard*). Na pauta de exportação, apenas as placas – ou folhas – compensadas, com espessura inferior a seis milímetros, equivalem a 2,56% do valor geral dos cinco primeiros meses de 2015. Esta mercadoria possui diversificada aplicação, sendo amplamente utilizada na construção civil. Alemanha, Bélgica, Reino Unido e Estados Unidos foram os principais destinos e responderam por mais da metade (57,21%) da receita registrada com o produto. Somados às vendas de placas com espessura superior a seis milímetros, de madeira perfilada, de MDF e de outros painéis, tem-se que os principais produtos dessa indústria detiveram 5,98% do valor total exportado. Nos períodos sob análise, o processamento de madeira, excetuada a fabricação de móveis, apresentou elevação de 17,78% na receita oriunda do mercado externo.

A expansão na produção física de máquinas e equipamentos mensurada pela PIM-PF também pôde ser notada através do aumento na exportação de pás mecânicas, escavadores e carregadoras (17,72%), tratores rodoviários para semirreboques (21,88%), e máquinas de carregamento frontal (154,25%). Na primeira dessas três categorias, 36,07% da produção exportada foi destinada ao mercado mexicano e 21,40% ao chileno. No segmento de tratores rodoviários para semirreboques, a queda nas aquisições argentinas foi mais do que compensada pela elevação das chilenas e peruanas. Chile e Peru responderam, respectivamente, por 43,66% e 29,09% da demanda externa por esses equipamentos. A grande variação nos embarques de máquinas de carregamento frontal pode ser explicada pelas vendas à Arábia Saudita, processo iniciado em 2014 e que se tornou mais intenso no ano corrente. A demanda saudita representou 27,35% das vendas internacionais dessas máquinas. Ressalte-se, ainda, que exportações dessa categoria foram registradas para novos mercados em 2015: África do Sul, com participação de 5,67%; Egito (4,50%) e Nicarágua (3,50%).

A relevância do mercado externo também pôde ser percebida em ramos da indústria de celulose, papel e produtos de papel, que apresentou variação de 6,9% na produção do primeiro quadrimestre. A exportação de papéis de camadas múltiplas com revestimento de caulim (mais frequentemente associado a material gerado por meio de reciclagem) cresceu 90,80% entre janeiro e maio, na comparação com o mesmo período de 2014. Outra categoria de produto dessa indústria que apresentou significativa elevação foi a de papel *kraft* destinado a sacos de grande capacidade (142,07%). Em relação à primeira mercadoria, a expansão resultou de incrementos nas compras do seu principal mercado, a Argentina (85,71%), bem como de Bélgica (308,77%) e Portugal (165,65%).

É inegável que a recuperação de dinamismo da indústria, brasileira e paranaense, depende do comportamento do mercado interno – sujeito a movimentos de contração do consumo das famílias e de investimentos públicos e privados. Depende ainda mais do crescimento da produtividade. Se no médio e longo prazos, este se concatena com a existência de infraestrutura e incrementos no padrão educacional, no curto prazo está associado ao realinhamento do custo unitário do trabalho ao patamar do *quantum* produzido por hora trabalhada.

Em qualquer perspectiva temporal, maior integração com o mercado internacional se faz necessária. Os dados apresentados demonstram que há na indústria local setores capazes de competir internacionalmente, a despeito da letargia nas negociações comerciais e das crônicas limitações que conspiram contra os exportadores. O grau de abertura comercial, mensurado pelo volume de comércio internacional em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), demonstra essa falta de capacidade. A compilação do Banco Mundial para o ano de 2014 conta com informações de 189 economias, das quais o Brasil é a segunda menos aberta. Situa-se acima apenas da República Centro-Africana – palco de conflitos étnico-religiosos que deslocaram mais de um quarto da população, segundo as Nações Unidas – e está no mesmo patamar do Sudão, país marcado por conflitos armados internos que deterioraram sua infraestrutura.

A RETRAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL

Ana Silvia Martins Franco*

A recessão na economia brasileira e as incertezas em relação à política econômica no País estão gerando expressivos impactos no mercado de trabalho. Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), o Brasil registrou saldo líquido negativo de 115.599 empregos formais em maio de 2015 (tabela 1).

TABELA 1 - SALDO DO EMPREGO FORMAL POR SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA - BRASIL - MAIO/2015

SETORES	SALDO
Extrativa Mineral	-1.044
Indústria de Transformação	-59.861
Serviços Industriais de Utilidade Pública	-137
Construção Civil	-32.259
Comércio	-19.265
Serviços	-31.354
Administração Pública	-31
Agropecuária	28.352
TOTAL	-115.599

FONTE: CAGED

O setor que registrou o pior saldo de empregos, em maio de 2015, foi a Indústria de Transformação, com eliminação 59.861 postos de trabalho. Esse resultado é reflexo da diminuição das vendas, por conta da inflação elevada, alta taxa de juros e restrição do crédito, e especialmente do recuo na produção industrial. No caso da indústria de transformação, houve queda de 10,9% da produção em maio de 2015, em relação ao mesmo mês em 2014 (tabela 2), conforme divulgado na Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A indústria de alimentos registrou queda de 8,7% em maio de 2015 e foi a que mostrou o corte mais expressivo nos empregos, com saldo negativo de 7.100 postos. O maior impacto nesta atividade veio da indústria de fabricação e refino de açúcar, com -5.100 vagas (tabela 3), mais especificamente na fabricação de açúcar em bruto, que registrou queda de 4.968 postos de trabalho. A crise do emprego no setor sucroalcooleiro está relacionada ao alto custo de produção e à perda de competitividade com os preços do açúcar e álcool. Além disso, a crise hídrica dos últimos meses fez com que a produção de cana-de-açúcar a ser processada pelas usinas diminuísse, e muitas delas decidiram interromper suas atividades.

A indústria automotiva eliminou 6.552 vagas e apresentou contração de 25,5% na produção. De acordo com a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), o estoque total de veículos no mês de maio era suficiente para 51 dias de vendas, com a maior parte concentrada nas concessionárias (224,9 mil veículos), ante 136,2 mil veículos nas fábricas. Com seus estoques parados, além das demissões, as montadoras deram férias coletivas aos trabalhadores, algumas recorreram ao *lay-off* – suspensão temporária do contrato de trabalho – e até mesmo suspenderam sua produção. Até o fim de junho, nenhum carro deve sair dos pátios das fábricas da General Motors no Brasil. Volks, Ford e Mercedes reduziram a produção e a Fiat interrompeu por uma semana a produção em Betim, Minas Gerais, a maior fábrica de veículos do País.

* Economista, técnica da equipe permanente desta publicação.

TABELA 2 - VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL X SALDO DE EMPREGOS FORMAIS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO - BRASIL - MAIO/2015

ATIVIDADE ECONÔMICA	VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL	SALDO DE EMPREGOS FORMAIS
Indústrias de transformação	-10,9	-59.861
Fabricação de produtos alimentícios	-8,7	-7.100
Fabricação de bebidas	-10,9	-855
Fabricação de produtos do fumo	-11,1	112
Fabricação de produtos têxteis	-17,3	-2.720
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-11,9	-3.397
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-9,5	-5.591
Fabricação de produtos de madeira	0,2	-1.055
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	-1,0	-719
Impressão e reprodução de gravações	-15,3	-779
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-1,4	766
Fabricação de sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	-6,7	
Fabricação de outros produtos químicos	-4,4	-451
Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-16,4	165
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	-10,0	-3.442
Fabricação de produtos de minerais não metálicos	-6,9	-1.762
Metalurgia	-8,0	-2.582
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-14,3	-5.492
Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-32,4	-3.971
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-11,7	-2.603
Fabricação de máquinas e equipamentos	-20,8	-5.284
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	-25,5	-6.552
Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	-8,8	-1.023
Fabricação de móveis	-10,0	-3.390
Fabricação de produtos diversos	10,1	-264
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	-3,5	-1.872

FONTE: IBGE/CAGED

TABELA 3 - SALDO DO EMPREGO FORMAL DA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS - BRASIL - MAIO/2015

INDÚSTRIA DE ALIMENTOS	SALDO
Abate e fabricação de produtos de carne	-25
Preservação do pescado e fabricação de produtos do pescado	-160
Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais	-109
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	-588
Laticínios	-747
Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais	-397
Fabricação e refino de açúcar	-5.111
Torrefação e moagem de café	-28
Fabricação de outros produtos alimentícios	65
TOTAL	-7.100

FONTE: CAGED

A Gerdau também anunciou que entrará em regime de *lay-off* na fábrica de Charqueadas, situada na região metropolitana de Porto Alegre, que produz aços especiais. A siderúrgica irá suspender temporariamente 100 contratos de trabalho, cerca de 10% do quadro de pessoal, por cinco meses, a partir da primeira quinzena de julho. Essa medida foi adotada devido à baixa demanda de mercado, principalmente da indústria automobilística, que é o principal consumidor de aços especiais.

Da mesma forma, diante da retração econômica e queda nas vendas do varejo, o segmento de vestuário ampliou o número de demissões. De acordo com o Sindicato dos Comerciantes de São Paulo, as maiores varejistas de moda – Renner, Riachuelo, Marisa e C&A – rescindiram 1,2 mil contratos de trabalho de janeiro até 15 de junho na capital paulista, número 45% maior que no mesmo período de 2014.

A Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES), divulgada pelo IBGE, também mostra desaceleração do emprego na indústria, com retração generalizada (tabela 4). A contração do contingente de trabalhadores no setor fabril foi de 5,4% no mês de abril de

2015, em relação a abril de 2014. A pesquisa mostrou perfil disseminado de resultados negativos em abril, pois também foi verificada a redução no número de horas pagas na indústria (-6,0%) e na folha de pagamento (-5,3%).

TABELA 4 - VARIAÇÃO DO PESSOAL OCUPADO NA INDÚSTRIA - BRASIL - ABRIL/2015

ATIVIDADE ECONÔMICA	VARIAÇÃO %
Indústria geral	-5,4
Indústrias extrativas	-5,3
Indústria de transformação	-5,4
Alimentos e bebidas	-2,7
Fumo	-5,9
Têxtil	-2,5
Vestuário	-5,4
Calçados e couro	-7,9
Madeira	-4,7
Papel e gráfica	-2,6
Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool	-7,2
Produtos químicos	-0,6
Borracha e plástico	-0,8
Minerais não metálicos	-2,5
Metalurgia básica	-6,5
Produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos	-10,8
Máquinas e equipamentos, exclusive elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações	-6,8
Máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações	-12,4
Fabricação de meios de transporte	-10,5
Fabricação de outros produtos da indústria de transformação	-8,7

FONTES: IBGE

Com o aumento no volume de demissões e conseqüentemente a maior procura por trabalho, a taxa de desemprego no Brasil, medida pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, do IBGE, chegou a 8,0% no trimestre encerrado em abril de 2015. Já a taxa de desocupação, também divulgada pelo IBGE, através da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), que abrange as seis principais regiões metropolitanas do País (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), avançou para 6,7% da população economicamente ativa (PEA), no mês de maio.

Devido à conjuntura econômica do País, em meio ao cenário de juros crescentes, inflação em altos patamares, crédito restrito, contração nas vendas, retração na atividade econômica, e ainda os altos custos de produção, as empresas estão reticentes em fazer novos investimentos, além de ter de fazer ajustes na produção para equilibrar os estoques. Isso tem impacto direto no mercado de trabalho, pois, como é possível observar, as empresas estão demitindo e a situação não é favorável a novas contratações.

AGROINDÚSTRIA

Investimentos da Copacol terão suporte do BRDE

Parte do plano de investimentos da Copacol Cooperativa Agroindustrial Consolata, estimado em R\$ 147 milhões, será financiado pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE). O contrato prevê empréstimo de R\$ 50 milhões, e os recursos serão alocados em várias unidades da Copacol, dentro e fora do Estado.

Na Região Oeste Paranaense, serão construídas instalações para a criação de bezerras e novilhas no município de Jesuítas, haverá ampliação da unidade de produção de peixes e implantação de fábrica de ração em Nova Aurora. Ainda nesta região do Estado, será erigida fábrica de rações para bovinos e peixes em Cafelândia, cidade onde a cooperativa está sediada.

Na Região Centro-Occidental Paranaense haverá investimentos na ampliação da capacidade de armazenamento em Goioerê e na expansão da produção de matrizes de aves em Moreira Sales. Em 2014, a entidade alcançou faturamento de R\$ 2,5 bilhões.

CAETANO, Mariana. Copacol contrata financiamento de R\$ 50 milhões no BRDE. Valor Econômico, São Paulo, 20 maio 2015. Empresas, p.B9.

Abatedouro de frangos em Piraí do Sul

Será implantado em Piraí do Sul, na Região Centro-Oriental Paranaense, abatedouro de frangos com capacidade de processar, inicialmente, 100 mil aves por dia. A expectativa é de que, em 2017, a produção diária alcance 400 mil animais. A operação desse novo abatedouro será verticalizada, com a instalação de fábrica de ração e incubadoras no complexo.

O investimento será realizado por uma *holding* sediada em Luxemburgo, a General Mediterranean. Todos os frangos serão abatidos segundo a norma islâmica (Halal) e exportados. Estima-se que R\$ 200 milhões serão alocados no projeto.

FRIAS, Maria Cristina. Interior do PR terá frigorífico de frango de R\$ 200 milhões. Folha de S. Paulo, 25 maio 2015. Folhainvest, p.A18.

Unidade de beneficiamento de leite da Castrolanda receberá aporte de R\$ 32,5 milhões

A Castrolanda Cooperativa Agroindustrial alocará R\$ 32,5 milhões em sua unidade de beneficiamento de leite, no município de Castro (Região Centro-Oriental Paranaense). O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) financiará 90% desse aporte, destinado a ampliar a capacidade de armazenamento e a implantar nova estrutura de tratamento de efluentes líquidos.

ARMAZENAGEM. Folha de Londrina, 30 maio 2015. Folha Rural, p.2.

AUMENTO de renda. Folha de Londrina, 30 maio 2015. Folha Rural, p.2.

Agrária investirá R\$ 700 milhões no biênio 2015-2016

Sediada no distrito de Entre Rios, em Guarapuava (Região Centro-Sul Paranaense), a Cooperativa Agrária alocará R\$ 700 milhões durante o biênio 2015-2016 para expandir sua produção de malte e sua capacidade de armazenamento de grãos. Aproximadamente 90% dos recursos serão financiados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE).

A Agrária almeja ampliar em 60% a produção de malte (matéria-prima para indústrias cervejeiras), o que demandará investimento de R\$ 340 milhões. A entidade conta com cerca de 600 cooperados e alcançou faturamento de R\$ 2,2 bilhões em 2014.

* Elaborado com informações disponíveis entre 01/05/2015 a 30/06/2015.

** Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

FRIAS, Maria Cristina. Cooperativa do PR investe R\$ 700 mi para ampliar produção e armazenagem. Folha de S. Paulo, 22 jun. 2015. Folhainvest, p.A16.

INDÚSTRIA

Seagreen construirá fábrica em Ponta Grossa

Indústria de fertilizantes de capital italiano, a Seagreen investirá cerca de R\$ 60 milhões na construção de planta em Ponta Grossa, na Região Centro-Oriental Paranaense. A companhia planeja implantar entre dez e quinze unidades do gênero no Brasil até 2020. O projeto prevê que essa fábrica paranaense produza, anualmente, 120 mil toneladas de fertilizantes.

FRIAS, Maria Cristina. Italiana de fertilizantes aportará R\$ 220 mi no país. *Folha de S. Paulo*, 6 maio 2015. Mercado, p.A14.

Volvo implantará nova linha de produção de motores

A fábrica da Volvo na Cidade Industrial de Curitiba fabricará, a partir do próximo ano, motor de 13 litros a *diesel* voltado à produção de energia em indústrias. A instalação compulsória desse modelo de equipamento em edifícios no País, imposta por novas leis municipais, também incentivou o investimento. Atualmente, esse equipamento é importado da Suécia, sede da companhia. Estima-se que, em até três anos, a produção anual desse motor atinja mil unidades.

A implantação da nova linha de produção demandará cerca de R\$ 10 milhões e projeta-se índice de nacionalização de 56%, considerando-se o valor das peças.

LAGUNA, Eduardo. Volvo vai produzir motor industrial em fábrica no PR. *Valor Econômico*, São Paulo, 3 jun. 2015. Empresas, p.B4.

SUSS, Liana. Volvo vai produzir motor industrial em Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 jun. 2015. p.15.

Planta da Foxlux em Pinhais

A Foxlux inaugurará em julho unidade no município de Pinhais (Região Metropolitana de Curitiba), onde fabricará cabos coaxiais. Estima-se que a produção atinja 150 mil metros desses cabos, mensalmente, ao longo do próximo ano. Fundada em 1997 e estabelecida no município desde então, a Foxlux comercializou, até agora, apenas material importado – ferramentas, lâmpadas e outros produtos elétricos. Aproximadamente 650 produtos são importados pela Foxlux atualmente.

VOITCH, Talita Boros. Foxlux investe na produção nacional de cabos coaxiais. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 16 jun. 2015. p.17.

Sig Combibloc expandirá complexo em Campo Largo

Fabricante de embalagens cartonadas antissépticas, a Sig Combibloc investirá R\$ 220 milhões na ampliação da capacidade de produção de seu complexo no município de Campo Largo (Região Metropolitana de Curitiba). A planta processa cerca de 3,2 bilhões de unidades anualmente. A companhia de capital suíço estima que esse volume alcance 4,5 bilhões de unidades por ano, após a expansão.

O aporte também permitirá que produtos ora importados pela empresa passem a ser fabricados localmente. Avalia-se que o índice de nacionalização da linha de produtos passe de 85% para 95%.

FRIAS, Maria Cristina. Grupo suíço investe R\$ 220 mi para ampliar fábrica de embalagens no PR. *Folha de S. Paulo*, 17 jun. 2015. Mercado, p. A16.

Neodent planeja duplicar produção

Fabricante de próteses dentárias, a Neodent investe R\$ 20 milhões em sua planta na Cidade Industrial de Curitiba, com o objetivo de ampliar o volume de exportações e duplicar a produção nos próximos cinco ou sete anos. A empresa planeja que o volume exportado alcance 50% da produção nos próximos dez anos. Atualmente, essa participação é de 10%. Presentemente, a companhia opera na Espanha, Estados Unidos, Itália, México e Portugal. Planeja-se exportação, ainda, para Argentina, Canadá e Colômbia.

Desde 2012, o controle da Neodent tem sido transferido para a Strautmann, empresa de capital suíço. A transação foi completada em 2015, mas a gestão permanece sob controle local.

ORGIS, Guido. Neodent quer mercado internacional. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 jun. 2015. Economia, p.4.

SERVIÇOS

Após fusão, Rumo e ALL investirão na malha ferroviária paranaense

A RumoALL planeja investir R\$ 8 milhões na malha ferroviária brasileira até 2020, sendo que parcela de R\$ 2 bilhões deverá ser alocada na rede paranaense. Companhia que resultou da fusão entre Rumo, do grupo Cosan, e a América Latina Logística, a RumoALL já iniciou a execução desse novo plano de investimentos no Estado através da reforma de ramais no porto de Paranaguá. Nesse caso, estima-se que a capacidade de carga seja elevada em 400 mil toneladas por mês, em virtude da utilização de ramal inativo há cinco anos.

A prioridade da empresa no Paraná é a melhoria do corredor que liga Londrina e Maringá a Paranaguá, para transporte de grãos e açúcar. A companhia espera que o volume transportado – 16 milhões de toneladas em 2014 – cresça 60% até 2020. A companhia também estuda operar nos trechos entre Guarapuava e Cascavel (dependente de acordo de passagem com a Ferroeste) e Guarapuava e Ponta Grossa, de grande sinuosidade.

O plano nacional prevê a aquisição de 64 novas locomotivas, que demandarão cerca de R\$ 1 bilhão, e três mil vagões nos próximos cinco anos. Em 2016, planeja-se alocar R\$ 177,5 milhões no incremento das vias permanentes.

ORGIS, Guido. RumoALL planeja investir R\$ 2 bi nas ferrovias do Paraná. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 3 jun. 2015. p.18.

ECONOMIA PARANAENSE – INDICADORES SELECIONADOS

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1982-2015

continua

ANO	ARROZ			BATATA-INGLESA			CAFÉ		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1982	204 000	256 620	1 258	50 460	603 553	11 961	303 000	96 000	317
1983	216 400	368 313	1 702	45 004	422 870	9 396	440 000	354 000	805
1984	196 700	242 570	1 233	40 904	505 915	12 368	424 000	252 000	594
1985	200 000	296 000	1 480	38 992	497 522	12 760	424 000	318 000	750
1986	140 000	206 000	1 411	40 509	416 596	10 284	422 825	120 000	284
1987	202 923	342 844	1 690	50 155	662 129	13 202	430 000	510 000	1 186
1988	188 615	316 732	1 679	49 464	654 282	13 227	505 581	114 000	226
1989	163 633	295 698	1 807	39 622	502 158	12 673	493 324	267 039	541
1990	151 003	253 501	1 679	41 285	616 498	14 933	426 391	156 702	368
1991	121 297	163 056	1 909	41 650	653 824	15 698	383 355	201 922	527
1992	134 000	217 200	1 621	43 925	683 500	15 561	296 000	108 000	365
1993	127 500	232 500	1 824	40 800	624 872	15 315	230 000	100 000	435
1994	105 301	217 466	2 065	45 069	643 865	14 286	184 351	81 990	445
1995	108 600	225 000	2 072	43 038	620 300	14 413	13 750	7 350	535
1996	96 300	205 000	2 129	49 236	716 000	14 542	134 000	67 000	500
1997	85 487	176 057	2 059	45 399	665 840	14 666	127 895	109 630	858
1998	80 521	170 080	2 113	43 510	571 854	13 143	128 127	135 707	1 060
1999	81 894	186 880	2 282	41 931	615 832	14 687	136 642	141 813	1 038
2000	79 823	179 885	2 254	36 448	648 376	17 789	142 118	132 435	932
2001	78 568	186 678	2 376	32 661	594 124	18 191	63 304	28 299	447
2002	75 717	185 245	2 447	33 782	659 353	19 518	129 313	139 088	1 076
2003	71 543	193 493	2 705	30 527	609 007	19 950	126 349	117 274	928
2004	68 051	182 090	2 676	29 336	580 350	19 783	117 376	152 260	1 297
2005	59 607	137 050	2 299	27 513	529 977	19 263	106 303	86 417	813
2006	59 287	171 913	2 900	28 239	585 310	20 727	100 973	139 376	1 380
2007	54 197	174 254	3 215	27 338	600 666	21 972	97 623	103 698	1 062
2008	47 019	172 737	3 674	27 740	680 160	24 519	96 804	157 882	1 631
2009	43 790	167 628	3 828	26 438	547 681	20 716	85 315	87 655	1 027
2010	40 455	166 848	4 124	30 079	727 433	24 184	82 831	138 963	1 678
2011	38 856	192 020	4 942	31 175	793 754	25 461	74 854	110 728	1 479
2012	35 035	177 841	5 076	29 182	746 480	25 580	66 811	90 614	1 356
2013	32 827	175 910	5 359	27 475	717 415	26 112	65 151	99 747	1 531
2014 ⁽¹⁾	29 581	158 840	5 370	30 041	832 428	27 710	33 366	33 633	1 008
2015 ⁽¹⁾	28 053	164 586	5 867	30 413	825 246	27 135	44 499	71 826	1 614

ANO	CANA-DE-AÇÚCAR			CEVADA			FEIJÃO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1982	90 000	6 840 000	76 000	35 950	27 247	758	879 990	666 800	758
1983	110 930	9 664 965	87 127	21 442	18 915	882	699 685	347 035	496
1984	121 696	8 428 836	69 261	19 574	18 400	940	741 001	479 108	647
1985	140 878	10 425 000	74 000	36 297	65 512	1 722	723 764	499 617	690
1986	160 000	11 600 000	72 500	27 600	60 000	2 174	627 604	215 701	344
1987	160 420	11 911 431	74 252	40 670	92 000	2 262	754 210	391 355	519
1988	156 497	11 856 032	75 759	42 498	49 485	1 164	741 920	457 692	617
1989	153 539	11 401 852	74 260	40 402	102 351	2 532	528 741	223 031	422
1990	159 417	11 736 412	73 621	28 213	50 844	1 802	550 591	279 028	507
1991	172 296	12 500 000	72 550	22 974	31 052	1 352	624 036	348 332	558
1992	184 000	13 350 000	72 554	17 700	43 326	2 448	595 894	461 162	774
1993	196 000	14 000 000	71 429	23 946	48 860	2 040	545 800	444 000	813
1994	215 796	15 945 937	73 894	14 207	27 975	1 969	589 479	526 209	893
1995	255 000	18 870 000	74 000	20 235	30 800	1 515	487 309	422 451	867
1996	294 000	23 000 000	78 231	26 110	85 430	3 272	596 125	490 854	823
1997	306 000	24 500 000	80 065	36 971	106 030	2 868	557 123	475 458	853
1998	310 344	26 640 767	85 843	42 957	84 371	1 964	564 537	494 556	876
1999	338 939	27 016 957	79 710	31 864	78 722	2 471	680 317	570 097	838
2000	327 147	23 190 410	70 887	32 135	69 146	2 152	541 082	500 948	926
2001	337 574	27 156 281	80 445	40 456	76 209	1 884	428 343	470 214	1 098
2002	358 312	28 120 716	78 481	46 750	77 862	1 665	526 457	629 059	1 195
2003	375 698	32 721 425	87 095	53 479	184 786	3 455	544 906	718 084	1 318
2004	398 969	33 552 515	84 098	53 819	167 450	3 111	503 585	664 333	1 319
2005	397 825	28 011 069	70 411	54 712	127 661	2 333	435 201	554 670	1 275
2006	444 723	34 461 627	77 490	31 745	106 891	3 367	589 741	819 094	1 389
2007	554 855	46 539 991	83 878	46 679	134 414	2 880	545 239	769 399	1 411
2008	601 656	50 958 155	84 696	36 551	150 241	4 110	508 273	776 971	1 529
2009	644 914	54 756 307	84 905	45 017	125 229	2 782	643 288	787 180	1 224
2010	652 005	55 077 630	84 553	48 824	180 804	3 734	520 798	792 010	1 521
2011	645 088	49 846 477	77 301	51 062	194 441	3 812	521 196	815 280	1 564
2012	652 041	49 840 398	76 438	51 112	158 445	3 100	478 532	700 545	1 464
2013	663 336	49 486 416	74 602	46 422	191 624	4 128	484 568	673 783	1 390
2014 ⁽¹⁾	677 293	50 025 094	73 860	53 226	188 787	3 547	515 110	805 941	1 565
2015 ⁽¹⁾	678 290	51 531 810	75 973	51 973	209 441	4 030	407 979	724 299	1 775

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1982-2015

conclusão

ANO	FUMO			MANDIOCA			MILHO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1982	17 510	30 000	1 713	62 500	1 218 750	19 500	2 276 700	5 430 000	2 385
1983	19 130	29 250	1 529	69 870	1 452 870	20 794	2 361 800	5 018 870	2 125
1984	19 474	34 844	1 789	73 688	1 446 258	19 627	2 447 000	5 400 000	2 207
1985	19 150	35 980	1 879	85 800	1 722 864	20 080	2 332 840	5 803 713	2 488
1986	18 300	27 914	1 525	85 800	1 700 000	19 814	2 300 000	4 300 000	1 870
1987	23 150	40 800	1 762	85 445	1 853 950	21 698	2 846 000	7 641 800	2 685
1988	22 520	44 482	1 975	85 242	1 855 328	21 765	2 269 862	5 558 805	2 449
1989	22 827	41 972	1 839	77 349	1 622 846	20 981	2 137 234	5 296 080	2 478
1990	22 502	40 315	1 792	101 854	2 184 599	21 448	2 079 784	5 160 823	2 481
1991	22 865	41 494	1 815	102 265	2 261 788	22 117	2 358 797	4 827 112	2 046
1992	31 085	61 000	1 962	100 000	2 100 000	21 000	2 610 000	7 370 000	2 824
1993	35 364	67 141	1 899	137 000	3 014 000	22 000	2 703 000	8 158 000	3 018
1994	32 768	63 027	1 923	157 625	3 419 935	21 700	2 512 859	8 162 472	3 248
1995	32 588	52 638	1 615	144 000	3 168 000	22 000	2 727 800	8 960 400	3 285
1996	34 446	59 529	1 728	115 232	2 500 000	21 695	2 463 000	7 911 000	3 212
1997	41 163	74 493	1 810	144 500	2 600 000	17 993	2 503 003	7 752 217	3 097
1998	38 624	57 273	1 483	149 934	3 241 800	21 622	2 229 524	7 935 376	3 559
1999	36 116	68 076	1 885	164 258	3 446 805	20 984	2 520 818	8 777 465	3 482
2000	33 910	64 548	1 904	182 850	3 779 827	20 672	2 233 858	7 367 262	3 298
2001	34 736	68 594	1 975	172 815	3 614 859	20 918	2 820 597	12 689 549	4 499
2002	41 890	82 303	1 965	142 892	3 463 968	24 242	2 461 816	9 857 504	4 004
2003	53 292	100 768	1 891	108 097	2 476 346	22 909	2 843 704	14 403 495	5 065
2004	67 128	134 100	1 998	150 217	2 956 771	19 683	2 464 652	10 953 869	4 444
2005	78 890	153 126	1 941	166 885	3 346 333	20 052	2 003 080	8 545 711	4 266
2006	83 602	155 533	1 860	169 705	3 789 166	22 328	2 507 903	11 697 442	4 664
2007	79 173	158 700	2 004	173 235	3 762 445	21 719	2 730 179	13 835 369	5 068
2008	73 428	148 037	2 016	149 350	3 449 726	23 098	2 969 632	15 414 362	5 191
2009	75 774	151 063	1 994	175 709	4 200 910	23 908	2 783 036	11 159 845	4 010
2010	79 266	161 137	2 033	172 214	4 012 948	23 312	2 261 992	13 540 981	5 986
2011	80 211	171 837	2 142	184 263	4 179 245	22 688	2 470 694	12 441 626	5 036
2012	70 376	156 834	2 229	159 115	3 869 080	24 316	3 013 870	16 516 036	5 480
2013	70 901	157 997	2 228	156 797	3 774 184	24 071	3 031 691	17 353 450	5 724
2014 ⁽¹⁾	76 291	172 346	2 259	151 562	3 672 738	24 233	2 558 644	15 807 349	6 178
2015 ⁽¹⁾	78 215	184 639	2 361	164 557	4 212 279	25 598	2 456 754	15 471 087	6 297

ANO	SOJA			TOMATE			TRIGO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1982	2 100 000	4 200 000	2 000	1 175 000	1 025 000	872
1983	2 022 000	4 315 000	2 134	898 265	1 066 000	1 187
1984	2 177 900	4 121 000	1 892	829 211	1 113 009	1 342
1985	2 196 370	4 413 000	2 009	1 295 548	2 696 023	2 081
1986	1 745 000	2 600 000	1 490	1 947 000	2 950 000	1 115
1987	1 718 000	3 810 000	2 218	1 717 500	3 300 000	1 921
1988	2 123 379	4 771 264	2 247	1 773 797	3 250 000	1 832
1989	2 399 993	5 031 297	2 096	1 829 680	3 207 000	1 753
1990	2 267 638	4 649 752	2 050	1 359	54 297	39 954	1 197 149	1 394 052	1 164
1991	1 972 538	3 531 216	1 790	1 494	62 054	41 535	1 082 358	1 825 959	1 687
1992	1 794 000	3 417 000	1 905	1 400	58 287	41 634	1 220 000	1 600 000	1 311
1993	2 076 000	4 817 000	2 320	1 464	62 605	42 763	696 000	1 023 000	1 470
1994	2 154 077	5 332 893	2 476	1 691	74 453	44 029	599 070	1 012 439	1 690
1995	2 199 720	5 624 440	2 557	2 068	87 535	42 328	579 000	960 000	1 658
1996	2 392 000	6 448 800	2 696	2 815	121 508	43 164	1 024 480	1 977 030	1 930
1997	2 551 651	6 582 273	2 580	2 238	89 937	40 186	899 024	1 629 226	1 812
1998	2 858 697	7 313 460	2 558	2 492	101 895	40 889	893 302	1 509 420	1 690
1999	2 786 857	7 752 472	2 782	2 457	105 552	42 960	707 518	1 446 782	2 045
2000	2 859 362	7 199 810	2 518	2 594	116 092	44 754	437 761	599 355	1 369
2001	2 821 906	8 628 469	3 058	3 032	137 509	45 353	873 465	1 840 114	2 107
2002	3 316 379	9 565 905	2 884	3 474	168 865	48 608	1 035 501	1 557 547	1 504
2003	3 653 266	11 018 749	3 016	3 293	165 394	50 226	1 197 192	3 121 534	2 607
2004	4 007 099	10 221 323	2 551	3 207	161 378	50 321	1 358 592	3 051 213	2 246
2005	4 147 006	9 535 660	2 299	3 532	185 299	52 463	1 273 243	2 800 094	2 199
2006	3 948 520	9 466 405	2 397	3 479	180 014	51 743	762 339	1 204 747	1 580
2007	4 001 443	11 882 704	2 970	4 719	310 338	65 764	820 948	1 863 716	2 270
2008	3 967 764	11 764 466	2 965	4 667	289 630	62 059	1 153 251	3 216 590	2 789
2009	4 077 142	9 410 791	2 308	4 804	300 716	62 597	1 308 782	2 482 647	1 916
2010	4 479 869	14 091 821	3 146	5 025	312 319	62 153	1 172 860	3 419 293	2 916
2011	4 555 312	15 457 911	3 393	5 715	347 528	60 810	1 053 924	2 427 721	2 381
2012	4 454 655	10 924 321	2 452	5 585	338 488	60 607	782 308	2 107 665	2 694
2013	4 754 076	15 924 318	3 350	4 965	285 176	57 437	1 000 099	1 886 948	1 887
2014 ⁽¹⁾	5 011 446	14 783 712	2 950	4 792	287 161	59 925	1 388 548	3 792 262	2 731
2015 ⁽²⁾	5 207 082	17 145 020	3 293	4 319	261 958	60 652	1 324 048	3 959 722	2 991

FONTES: SEAB/DERAL, IBGE

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Estimativa.

TABELA 2 - ABATES DE AVES, BOVINOS E SUÍNOS, NO PARANÁ - 1997-2015

PERÍODO	PESO TOTAL DAS CARCAÇAS (t)		
	Aves	Bovinos	Suínos
1997	720 154	225 021	189 459
1998	854 517	236 358	193 435
1999	957 237	198 873	229 466
2000	1 041 412	181 113	235 315
2001	1 121 828	197 985	263 451
2002	1 235 681	219 350	333 951
2003	1 344 398	219 774	359 139
2004	1 557 656	276 808	340 645
2005	1 788 481	308 947	367 765
2006	1 856 538	316 897	390 394
2007	2 057 318	295 010	437 152
2008	2 480 908	279 609	454 340
2009	2 489 061	282 220	509 156
2010	2 725 634	338 599	531 514
2011	2 868 973	279 585	629 586
2012	3 033 270	314 986	623 822
2013	3 379 689	333 180	606 446
2014 ⁽¹⁾	3 651 564	336 996	611 183
Janeiro	311 431	24 523	47 513
Fevereiro	288 778	24 479	44 661
Março	291 177	24 778	47 834
Abril	294 354	27 509	51 181
Maio	310 240	30 235	54 339
Junho	279 793	28 933	51 017
Julho	321 628	30 429	56 571
Agosto	298 737	29 042	52 441
Setembro	308 489	30 971	52 154
Outubro	328 427	30 375	53 541
Novembro	305 165	26 359	50 117
Dezembro	313 345	29 331	49 813
2015 ⁽¹⁾	947 149	65 354	155 012
Janeiro	318 584	22 882	51 602
Fevereiro	279 430	19 611	44 741
Março	349 135	22 862	58 669

FONTE: IBGE - Pesquisa Trimestral de Abate de Animais

(1) Resultados preliminares.

TABELA 3 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO FATOR AGREGADO - 1980-2015

ANO	BÁSICOS		INDUSTRIALIZADOS				OPERAÇÕES ESPECIAIS		TOTAL (US\$ mil FOB)
			Semimanufaturados		Manufaturados				
	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	
1980	1 525 496	76,47	204 013	10,23	235 955	11,83	29 385	1,47	1 994 849
1981	1 578 294	65,71	250 316	10,42	541 587	22,55	31 827	1,33	2 402 024
1982	1 140 108	68,07	106 669	6,37	409 124	24,43	19 022	1,14	1 674 923
1983	1 012 405	69,20	79 971	5,47	349 526	23,89	21 043	1,44	1 462 945
1984	966 205	52,45	177 247	9,62	671 435	36,45	27 086	1,47	1 841 973
1985	928 902	50,89	175 665	9,62	698 346	38,26	22 551	1,24	1 825 464
1986	688 996	56,59	43 324	3,56	472 821	38,84	12 339	1,01	1 217 480
1987	969 288	59,14	120 707	7,37	533 758	32,57	15 169	0,93	1 638 922
1988	1 167 554	58,21	149 328	7,45	678 177	33,81	10 573	0,53	2 005 632
1989	1 192 665	60,13	178 327	8,99	601 886	30,35	10 462	0,53	1 983 340
1990	1 035 355	55,42	203 537	10,90	618 389	33,10	10 887	0,58	1 868 168
1991	939 248	51,75	179 988	9,96	678 770	37,56	13 223	0,73	1 807 229
1992	1 067 932	50,61	206 642	9,79	822 506	38,98	12 959	0,61	2 110 039
1993	1 191 871	48,04	192 267	7,75	1 081 457	43,59	15 548	0,63	2 481 143
1994	1 459 424	41,62	487 597	13,90	1 538 079	43,86	21 649	0,62	3 506 749
1995	1 439 114	40,34	646 613	18,13	1 463 107	41,01	18 511	0,52	3 567 346
1996	2 081 290	49,02	576 682	13,58	1 562 959	36,81	24 974	0,59	4 245 905
1997	2 524 220	52,01	560 259	11,54	1 740 382	35,86	28 727	0,59	4 853 587
1998	1 918 816	45,38	665 062	15,73	1 614 172	38,18	29 944	0,71	4 227 995
1999	1 735 682	44,14	626 797	15,94	1 528 226	38,86	41 954	1,07	3 932 659
2000	1 661 374	37,81	498 631	11,35	2 158 622	49,12	75 534	1,72	4 394 162
2001	2 280 991	42,87	561 285	10,55	2 416 688	45,42	61 247	1,15	5 320 211
2002	2 384 075	41,80	668 797	11,73	2 576 841	45,18	73 368	1,29	5 703 081
2003	2 985 014	41,70	877 848	12,26	3 217 442	44,95	77 549	1,08	7 157 853
2004	3 908 974	41,56	969 099	10,30	4 437 090	47,18	89 862	0,96	9 405 026
2005	3 297 780	32,87	993 498	9,90	5 608 205	55,89	134 049	1,34	10 033 533
2006	2 931 247	29,26	1 146 938	11,45	5 755 975	57,47	182 177	1,82	10 016 338
2007	4 233 777	34,27	1 318 847	10,68	6 630 908	53,68	169 325	1,37	12 352 857
2008	5 787 485	37,96	1 611 541	10,57	7 540 538	49,46	307 620	2,02	15 247 184
2009	4 985 127	44,42	1 304 406	11,62	4 719 959	42,06	213 335	1,90	11 222 827
2010	5 983 154	42,21	1 800 373	12,70	6 121 489	43,18	270 994	1,91	14 176 010
2011	7 952 480	45,72	2 410 778	13,86	6 645 958	38,21	385 059	2,21	17 394 275
2012	8 356 708	47,19	2 274 620	12,84	6 748 089	38,10	330 174	1,86	17 709 591
2013	9 068 374	49,72	2 099 371	11,51	6 817 117	37,38	254 339	1,39	18 239 202
2014 ⁽¹⁾	8 304 081	50,85	1 955 979	11,98	5 819 271	35,63	252 789	1,55	16 332 120
Janeiro	345 047	38,15	125 860	13,91	419 153	46,34	14 480	1,60	904 540
Fevereiro	686 347	52,27	91 161	6,94	513 828	39,13	21 851	1,66	1 313 187
Março	868 742	58,46	130 557	8,79	464 217	31,24	22 530	1,52	1 486 046
Abril	1 112 957	66,59	92 703	5,55	439 878	26,32	25 883	1,55	1 671 422
Mai	904 377	57,94	169 846	10,88	464 109	29,73	22 629	1,45	1 560 961
Junho	796 409	54,63	175 907	12,07	462 485	31,73	22 925	1,57	1 457 726
Julho	865 851	52,28	217 854	13,15	545 354	32,93	27 001	1,63	1 656 060
Agosto	772 531	51,30	229 046	15,21	474 976	31,54	29 245	1,94	1 505 798
Setembro	650 777	48,99	195 638	14,73	463 700	34,91	18 152	1,37	1 328 267
Outubro	497 613	39,90	213 169	17,09	520 139	41,70	16 370	1,31	1 247 290
Novembro	439 804	37,61	198 259	16,96	510 088	43,63	21 077	1,80	1 169 228
Dezembro	363 625	35,25	115 981	11,24	541 344	52,48	10 646	1,03	1 031 595
2015 ⁽¹⁾	2 902 310	51,46	564 216	10,00	2 102 884	37,29	70 540	1,25	5 639 950
Janeiro	346 967	38,39	175 372	19,40	370 220	40,96	11 343	1,25	903 902
Fevereiro	362 693	42,54	82 833	9,72	396 223	46,47	10 866	1,27	852 614
Março	679 033	54,44	81 296	6,52	471 656	37,82	15 273	1,22	1 247 258
Abril	836 330	60,46	91 827	6,64	437 100	31,60	17 972	1,30	1 383 229
Mai	677 287	54,06	132 889	10,61	427 685	34,13	15 087	1,20	1 252 947

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 4 - BALANÇA COMERCIAL PARANAENSE E BRASILEIRA - 1994-2015

ANO	PARANÁ (US\$ MIL FOB)			BRASIL (US\$ MIL FOB)		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1994	3 506 749	1 589 440	1 917 309	43 545 149	33 078 690	10 466 459
1995	3 567 346	2 390 291	1 177 055	46 506 282	49 971 896	- 3 465 614
1996	4 245 905	2 434 733	1 811 172	47 746 728	53 345 767	- 5 599 039
1997	4 853 587	3 306 968	1 546 619	52 982 726	59 747 227	- 6 764 501
1998	4 227 995	4 057 589	170 406	51 139 862	57 763 476	- 6 623 614
1999	3 932 659	3 699 490	233 169	48 012 790	49 301 558	- 1 288 768
2000	4 394 162	4 686 229	- 292 067	55 118 920	55 850 663	- 731 743
2001	5 320 211	4 928 952	391 259	58 286 593	55 601 758	2 684 835
2002	5 703 081	3 333 392	2 369 689	60 438 653	47 242 654	13 195 999
2003	7 157 853	3 486 051	3 671 802	73 203 222	48 325 567	24 877 655
2004	9 405 026	4 026 146	5 378 879	96 677 499	62 835 616	33 841 883
2005	10 033 533	4 527 237	5 506 296	118 529 185	73 600 376	44 928 809
2006	10 016 338	5 977 971	4 038 367	137 807 470	91 350 840	46 456 629
2007	12 352 857	9 017 988	3 334 870	160 649 073	120 617 446	40 031 627
2008	15 247 184	14 570 222	676 962	197 942 443	172 984 768	24 957 675
2009	11 222 827	9 620 843	1 601 984	152 994 743	127 722 343	25 272 400
2010	14 176 010	13 956 957	219 054	201 915 285	181 768 427	20 146 858
2011	17 394 228	18 767 763	- 1 373 534	256 039 575	226 246 756	29 792 817
2012	17 709 591	19 387 794	- 1 678 203	242 578 014	223 183 477	19 394 539
2013	18 239 202	19 345 381	- 1 106 178	242 033 575	239 747 516	2 286 059
2014 ⁽¹⁾	16 332 120	17 293 735	- 961 614	225 100 885	229 060 058	- 3 959 173
Janeiro	904 540	1 217 025	- 312 485	16 026 191	20 094 436	- 4 058 245
Fevereiro	1 313 187	1 304 130	9 057	15 933 832	18 062 419	- 2 128 587
Março	1 486 046	1 419 577	66 470	17 627 934	17 514 153	113 781
Abril	1 671 422	1 425 220	246 202	19 723 926	19 217 814	506 112
Maio	1 560 961	1 645 847	- 84 886	20 752 084	20 042 592	709 492
Junho	1 457 726	1 306 954	150 772	20 466 916	18 116 292	2 350 624
Julho	1 656 060	1 914 189	- 258 129	23 024 072	21 452 431	1 571 642
Agosto	1 505 798	1 414 218	91 581	20 463 308	19 301 759	1 162 548
Setembro	1 328 267	1 615 209	- 286 943	19 616 605	20 556 787	- 940 182
Outubro	1 247 290	1 217 468	29 821	18 329 650	19 507 029	- 1 177 380
Novembro	1 169 228	1 597 844	- 428 616	15 645 630	17 996 623	- 2 350 993
Dezembro	1 031 595	1 216 054	- 184 459	17 490 737	17 197 722	293 015
2015 ⁽¹⁾	5 639 950	5 336 300	303 650	74 700 702	77 006 326	- 2 305 624
Janeiro	903 902	1 055 903	- 152 001	13 704 045	16 876 366	- 3 172 322
Fevereiro	852 614	1 033 052	- 180 438	12 092 231	14 934 104	- 2 841 873
Março	1 247 258	1 126 995	120 262	16 978 969	16 522 277	456 692
Abril	1 383 229	1 043 194	340 035	15 156 275	14 665 192	491 082
Maio	1 252 947	1 077 156	175 791	16 769 183	14 008 387	2 760 796

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 5 - ÍNDICE DE VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA DO PARANÁ - 2000-2015

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2011 = 100)															
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Jan/14
Combustíveis e lubrificantes	91,7	94,1	110,2	117,5	122,0	119,4	99,8	102,4	104,7	103,5	104,1	100,00	108,0	120,8	127,2	120,8
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	78,9	77,1	72,7	70,2	78,3	72,8	77,2	82,3	85,5	89,2	94,3	100,00	110,2	116,6	120,3	129,8
Hipermercados e supermercados	79,1	77,7	73,5	71,1	79,3	73,1	77,5	82,6	85,6	89,4	94,4	100,00	110,6	116,9	120,7	130,8
Tecidos, vestuário e calçados	89,7	90,7	79,8	83,3	89,4	90,2	88,9	93,5	97,7	97,1	101,8	100,00	106,2	106,4	106,4	94,7
Móveis e eletrodomésticos	37,3	35,6	35,0	37,4	48,4	54,8	59,5	66,9	73,5	73,8	85,6	100,00	107,3	111,9	108,4	124,2
Móveis	100,00	107,3	103,3	97,1	109,1
Eletrodomésticos	100,00	109,2	120,4	118,2	137,1
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	41,5	45,7	48,5	51,3	58,3	72,0	85,9	100,00	120,6	133,9	140,5	130,1
Livros, jornais, revistas e papelaria	70,7	70,7	68,0	70,9	80,6	88,5	102,2	100,00	96,6	104,9	83,8	146,4
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	6,4	11,3	17,1	22,0	43,8	69,7	95,4	100,00	92,4	85,3	70,9	58,0
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	41,9	47,8	55,5	60,6	71,3	79,1	91,7	100,00	120,6	131,5	141,0	128,9
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	63,0	62,4	62,0	62,6	69,6	68,9	71,0	76,0	81,3	85,6	93,5	100,00	110,0	116,9	119,7	123,5

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2011 = 100)															
	Fev./14	Mar./14	Abr./14	Mai/14	Jun./14	Jul./14	Ago./14	Set./14	Out./14	Nov./14	Dez./14	2015	Jan./15	Fev./15	Mar./15	Abr./15
Combustíveis e lubrificantes	120,5	124,5	120,7	127,7	119,2	133,4	131,8	126,3	138,4	132,4	130,3	123,3	130,7	109,1	128,9	124,6
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	109,3	117,9	117,0	114,1	109,0	114,7	118,3	113,5	121,0	121,8	157,2	120,7	132,8	116,0	119,2	114,9
Hipermercados e supermercados	109,4	118,0	117,3	114,2	109,3	114,9	118,6	113,8	121,4	122,3	158,7	121,5	134,2	116,7	119,6	115,3
Tecidos, vestuário e calçados	83,1	94,8	104,1	127,3	99,6	100,4	103,8	93,1	101,2	106,0	169,0	87,1	92,6	74,5	88,7	92,5
Móveis e eletrodomésticos	97,4	97,8	96,6	108,8	96,2	101,2	102,2	102,3	110,7	115,1	147,9	98,6	122,2	87,4	98,5	86,1
Móveis	86,4	87,0	86,9	96,2	83,3	92,3	88,9	94,0	103,8	102,8	134,3	84,6	103,6	78,6	83,2	73,1
Eletrodomésticos	106,8	107,1	105,0	119,6	107,1	109,1	113,6	109,8	117,2	125,8	160,0	110,3	137,8	95,1	111,3	97,1
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	124,1	140,9	138,4	142,9	132,9	143,4	145,1	138,2	151,2	142,1	156,1	141,9	141,0	136,2	151,4	138,8
Livros, jornais, revistas e papelaria	105,6	88,3	74,1	78,8	68,3	74,4	79,8	70,0	51,4	50,2	118,5	91,7	122,2	90,7	79,2	74,6
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	62,9	58,0	59,0	59,6	53,3	81,4	83,8	77,8	84,2	78,4	94,6	72,9	70,0	69,3	80,1	72,1
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	113,3	122,8	131,2	142,3	131,8	127,6	129,3	125,7	140,8	152,1	246,1	132,2	145,6	117,7	134,8	130,8
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	107,2	114,5	114,5	118,7	109,4	115,7	118,1	113,0	121,8	122,5	157,6	116,1	127,6	107,9	116,9	111,9

FONTE: IBGE - Pesquisa Mensal do Comércio

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

TABELA 6 - PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ, SEGUNDO SEÇÕES E ATIVIDADES INDUSTRIAIS - 2003-2015

SEÇÃO/ATIVIDADE (CNAE 2.0) ⁽¹⁾	ÍNDICE (base: média de 2012 = 100)														
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Jan./14	Fev./14	Mar./14
Indústria de transformação	66,8	74,0	77,0	74,0	80,3	88,3	81,0	95,2	105,9	100,0	103,2	97,3	91,4	94,6	95,4
Produtos alimentícios	87,5	91,7	88,6	93,7	97,0	94,3	90,1	97,6	98,0	100,0	102,4	96,2	78,0	81,3	87,7
Bebidas	64,4	67,5	72,3	82,7	82,0	83,3	86,1	95,8	96,6	100,0	99,7	104,5	101,4	96,8	113,6
Produtos de madeira	112,0	130,7	114,7	100,1	94,7	93,2	72,1	79,3	86,3	100,0	117,3	120,9	120,1	116,8	126,4
Celulose, papel e produtos de papel	71,9	75,1	80,9	82,4	81,9	95,6	94,8	100,0	101,1	100,0	98,8	100,5	94,6	83,7	101,0
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	94,1	82,9	90,9	91,9	88,6	95,0	94,6	86,6	97,1	100,0	97,0	100,7	91,8	90,0	101,2
Outros produtos químicos	171,3	153,4	124,1	120,8	134,1	104,9	126,4	108,7	111,3	100,0	102,0	101,5	97,1	97,8	78,1
Produtos de borracha e de material plástico	100,0	109,6	106,5	107,5	104,2	109,4
Minerais não metálicos	74,8	70,4	72,8	69,3	73,2	92,7	94,9	99,9	103,1	100,0	110,5	110,5	108,8	113,9	118,9
Produtos de metal - exc. máquinas e equip.	73,4	77,6	75,6	76,3	80,3	85,1	73,7	89,7	98,8	100,0	105,8	96,2	97,3	93,1	93,0
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	60,3	63,8	69,0	70,1	77,6	79,5	80,5	85,4	89,9	100,0	104,1	106,3	95,0	105,0	104,0
Máquinas e equipamentos	70,5	88,2	74,6	73,2	94,2	103,6	84,6	114,0	107,0	100,0	112,1	98,1	115,6	104,3	96,2
Veículos automotores, reboques e carrocerias	34,2	51,5	62,4	49,6	64,7	80,1	58,3	91,8	119,3	100,0	103,8	82,4	82,1	103,2	85,9
Móveis	83,2	85,2	80,9	82,5	93,2	85,6	77,8	99,6	94,2	100,0	101,4	94,0	87,8	94,7	89,0

SEÇÃO/ATIVIDADE (CNAE 2.0) ⁽¹⁾	ÍNDICE (base: média de 2012 = 100)														
	Abr./14	Mai./14	Jun./14	Jul./14	Ago./14	Set./14	Out./14	Nov./14	Dez./14	2015	Jan./15	Fev./15	Mar./15	Abr./15	
Indústria de transformação	92,8	102,3	87,5	104,5	105,7	101,0	107,1	98,7	86,8	85,6	81,1	80,5	90,5	90,4	
Produtos alimentícios	93,6	104,0	95,2	107,1	113,4	103,4	113,9	96,0	80,5	82,8	73,7	72,0	88,7	96,6	
Bebidas	101,9	92,4	78,4	99,0	95,5	107,0	115,5	115,9	136,5	109,9	123,6	105,1	116,4	94,6	
Produtos de madeira	103,3	112,1	116,4	123,4	130,2	126,9	131,1	126,1	117,8	117,2	118,5	110,1	121,3	119,0	
Celulose, papel e produtos de papel	94,3	87,6	95,2	98,8	99,8	106,1	113,9	112,4	118,6	99,9	102,9	89,8	106,4	100,4	
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	97,4	111,2	102,9	107,9	109,7	104,0	106,5	99,6	86,3	87,4	74,9	82,5	96,1	96,0	
Outros produtos químicos	87,4	107,9	101,1	111,7	120,4	104,8	111,0	99,8	101,3	93,9	109,0	88,5	85,7	92,2	
Produtos de borracha e de material plástico	109,4	110,2	87,8	102,9	106,6	113,2	119,8	117,1	89,5	97,8	98,8	92,9	104,0	95,5	
Minerais não metálicos	106,1	119,1	107,6	118,6	114,3	107,8	107,0	104,9	98,9	92,1	90,4	84,1	102,0	91,7	
Produtos de metal - exc. máquinas e equip.	90,4	94,1	87,8	102,3	103,9	102,7	104,3	99,9	85,9	88,5	85,0	84,3	94,3	90,2	
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	103,9	105,4	70,7	102,8	110,2	114,9	126,6	127,2	109,4	106,9	106,1	110,4	116,3	94,6	
Máquinas e equipamentos	80,4	100,6	77,6	110,6	106,3	89,3	119,2	103,6	73,3	102,1	97,7	101,6	107,5	101,5	
Veículos automotores, reboques e carrocerias	83,1	91,7	55,5	92,4	85,4	85,1	81,2	76,3	66,3	58,0	52,9	59,1	57,4	62,4	
Móveis	87,9	93,1	76,4	92,8	95,8	99,5	108,8	108,9	92,9	85,3	89,0	76,3	91,5	84,4	

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal

NOTAS: Índice sem ajuste sazonal.

Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Somente as atividades que apresentam produtos incluídos na amostra.

TABELA 7 - RENDIMENTO HABITUAL REAL E TAXA DE DESOCUPAÇÃO, NO PARANÁ - 2012-2015

TRIMESTRE	RENDIMENTO REAL HABITUAL ⁽¹⁾	TAXA DE DESOCUPAÇÃO (%)
Janeiro-março 2012	1 856,11	5,6
Abril-junho 2012	1 811,01	5,3
Julho-setembro 2012	1 870,30	4,6
Outubro-dezembro 2012	1 831,38	4,3
Janeiro-março 2013	1 884,95	4,9
Abril-junho 2013	1 879,47	4,5
Julho-setembro 2013	1 921,59	4,2
Outubro-dezembro 2013	1 916,53	3,7
Janeiro-março 2014	1 947,65	4,1
Abril-junho 2014	1 922,40	4,1
Julho-setembro 2014	1 934,33	4,1
Outubro-dezembro 2014	1 989,13	3,7
Janeiro-março 2015	1 983,44	5,3

FONTES: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral

(1) Rendimento médio real do trabalho principal, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas. Em R\$ de fevereiro de 2015.

TABELA 8 - SALDO DO EMPREGO FORMAL - PARANÁ⁽¹⁾ - 1995-2015

ANO	SETORES (número de vagas)						TOTAL
	Indústria	Construção Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Outros/Ignorado	
1995	-15 192	-2 923	-6 410	602	-1 448	44	-25 327
1996	-7 081	-2 096	-6 691	-16 109	-793	-35	-32 805
1997	4 464	278	6 529	-2 100	-1 000	-708	7 463
1998	-16 127	-3 658	-7 332	-4 695	-3 634	-211	-35 657
1999	3 137	-10 241	582	-1 295	-8 646	-186	-16 649
2000	8 475	-18	7 548	13 733	-1 866	271	28 143
2001	22 087	-6 701	14 536	22 888	1 026	21	53 857
2002	24 035	-1 376	21 872	14 299	-241	-	58 589
2003	18 066	-3 903	24 774	17 345	6 075	13	62 370
2004	49 092	1 417	35 049	30 151	6 938	1	122 648
2005	14 385	2 091	25 183	31 223	962	4	72 374
2006	23 697	5 955	21 205	34 294	1 245	-	86 396
2007	46 524	8 011	30 502	31 571	5 753	-	122 361
2008	22 765	13 713	33 067	35 278	6 080	-	110 903
2009	12 993	8 271	22 755	29 446	-4 381	-	69 084
2010	41 116	17 597	36 111	49 868	-2 209	-	142 483
2011	26 065	10 656	33 269	53 433	493	-	123 916
2012	14 861	5 940	28 922	37 520	1 896	-	89 139
2013	15 600	3 111	28 135	41 308	2 195	-	90 349
2014	- 8 188	3 219	13 507	32 636	- 162	-	41 012
Janeiro-maio 2015	3 652	1 040	- 1 755	16 504	3 282	-	22 723

FONTES: MTE - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

NOTA: Sinal convencional utilizado:

- Dado inexistente.

(1) Levantamento financiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

TABELA 9 - PRODUTO INTERNO BRUTO - PARANÁ - 2002-2014

ANO	PARANÁ ⁽¹⁾	
	Valor (R\$ milhão) ⁽²⁾	Variação Real (%)
2002	88 407	1,98
2003	109 459	4,47
2004	122 434	5,02
2005	126 677	-0,01
2006	136 615	2,01
2007	161 582	6,74
2008	179 263	4,28
2009	189 992	-1,32
2010	217 290	10,01
2011	239 366	5,67
2012	255 927	1,26
2013 ⁽³⁾	287 966	4,61
2014 ⁽³⁾	308 986	0,80

FONTES: IPARDES, IBGE

(1) Nova série das Contas Regionais (referência 2002).

(2) Preços correntes.

(3) Estimativas do IPARDES para o Paraná.



IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL
Rua Máximo João Kopp, 274 - Bloco 1 - CEP 82630-900 - Santa Cândida - Curitiba-PR - Tel.: (41) 3351-6335 - Fax: (41) 3351-6347
www.ipardes.gov.br - ipardes@ipardes.gov.br